



Um conto de mentiras, violência e morte da informação

Guilherme TORTELLI¹
Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

Talvez despropositadamente, nunca saberemos, a Petrobrás expôs em seu blog interno perguntas que lhe foram enviadas por jornalistas vinculados aos jornais O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e O Globo, acompanhadas das respostas oficiais da empresa. A manobra foi considerada antiética pelos entrevistadores, desencadeando uma enorme discussão relativa ao monopólio da informação no ciberespaço, envolvendo os próprios meios de comunicação — tanto como agentes, quanto como palco da disputa. Olhando mais atentamente para essa discussão, o presente artigo, embasando-se principalmente em trabalhos de Jean Baudrillard e interpretações de Alexander Galloway, propõe uma análise da disputa como espetáculo, onde, diferentemente do que se aparenta, não há nenhuma informação verdadeiramente envolvida, devorando todo seu significado.

PALAVRAS-CHAVE: informação; simulacro; espetáculo; alienação.

INTRODUÇÃO

Tamanha a ironia do ocorrido, talvez o fato ilustrasse melhor as ácidas páginas de uma revista humorística às prestigiosas e disputadas linhas das novas mídias. Se a criatividade originalmente era artefato de luxo publicitário, o blog da Petrobrás pode muito bem inaugurar uma nova era concernente ao jornalismo: o absurdo agora não ilustra somente as inovações *frankensteineanas* derivadas das estratégias mercadológicas, ele agora também pauta famosos veículos de informação digitais. O vazamento de informações poderia ser uma novidade, se já não desgastado em incontáveis produções cinematográficas. A estratégia de inovação era simples: inversão dos papéis. Acostumados aos velhos espíões e seus truques de sabotagem, a surpresa é total quando descobrimos que, dessa vez, são eles os sabotados. Pela própria fonte.

Instaurada a discussão no ciberespaço, deambulando por *blogs*, *twitters*², portais renomados, seja qual for a mídia, o foco é sempre o mesmo: a própria mídia. O circo bizarro continua e, se anteriormente questionavam-se os suportes mediáticos

¹ Graduando do Curso de Comunicação Social — habilitação em Publicidade e Propaganda da UCPel, email: guilhermetortelli@gmail.com.

² O Twitter (www.twitter.com) é um software de redes sociais produzido com intuito de manter laços de comunicação entre amigos, familiares e colegas de trabalho, de acordo com a própria descrição do serviço. No formato de *microblogging*, ele permite aos usuários a troca de mensagens limitadas a 140 caracteres, possibilitando que se organize uma lista de contatos pessoal, de acordo com a relevância atribuída às mensagens de cada usuário da rede.



tradicionais em relação à ética de suas práticas ou, pior, à própria qualidade (ou relevância) da informação, hoje os críticos já não precisam preocupar-se: a informação retirou-se pelos bastidores. Frequentemente imputada à exigência das massas, a culpa por produções por vezes consideradas medíocres nem ao seu público cabe mais. Na era do discurso preponderante da técnica e da interação, onde cada indivíduo é também produtor de seu conteúdo, o excesso da relevância reverte-se na sua própria ruína. Ao público, pouco, se nada, resta.

Dessa maneira, o presente trabalho procura menos assumir uma posição do que propor um olhar diferenciado, detalhado, penetrando no invólucro de aparências e fitando o centro da questão, onde não há mais nada. A disputa em relação à informação perdeu todo o seu sentido tempo atrás — assim como a própria informação — atribuindo o atual conflito entre mídias, que envolve o blog da Petrobrás e os jornais Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e O Globo, ao puro desdobrar dos acontecimentos. Ao acaso, mas um acaso fatídico e inevitável. Relega-se a disputa ao vazio — ela nada mais é senão um jogo sobre o próprio espetáculo.

MISE-EN-SCÈNE

O cenário não poderia ser outro: se o ciberespaço dá margem a novas possibilidades de comunicação, também configura o palco perfeito para a representação do crime. Questionada via e-mail por jornais como Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e O Globo, principalmente sobre a criação do blog Fatos e Dados³, manobra de estreitamento comunicacional com o público através de um canal direto, e sobre estratégias internas adotadas pela empresa para posicionar-se a respeito de questões relativas à CPI na qual estava envolvida, a Petrobrás procedeu de forma comum, respondendo aos questionamentos. O inesperado, contudo, era que a própria organização publicasse tais questões em seu blog, acompanhadas das respostas oficiais, antes mesmo da divulgação das matérias nos respectivos veículos.

Decisão equivocada? Não foram poucos os discursos emergentes, assumindo posições e sutilmente reafirmando o caráter de jogo da situação. Devolvendo o favor, o jornal O Globo veiculou o editorial “Ataque à imprensa”⁴, tratando a atitude como

³ <http://www.petrobrasfatosedados.wordpress.com>

⁴ <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2009/06/08/editorial-ataque-imprensa-756256898.asp> Endereço acessado em 16 de junho de 2009.



“agressiva, antiética e ilegal”. Vítimas ou criminosos, a verdade é que essa é apenas uma questão de nomenclatura pouco relevante à grandiosidade do espetáculo em geral. Se por um lado a Petrobrás teria quebrado a relação íntima e secreta cultivada por décadas ao lado da boa e velha mídia, no extremo oposto jaziam os até então consumidores da informação, sedentos por sangue e guiados pelo frenesi da prospecção de uma voz ativa e amplificada. Se já eram produtores de seu próprio conteúdo, de sua própria informação no caráter operacional do discurso, essa talvez fosse a oportunidade dourada para perpetuar a era da *mídia-de-um-homem-só*.

Pacientemente, o público ensejava seu ingresso na guerrilha pela liberdade, antecipando o momento mais oportuno para desmascarar-se como direitista ou esquerdista em meio à ebulição discursiva — valendo-se de quaisquer fossem suas armas: em sua coluna no jornal Folha Online, o jornalista Kennedy Alencar publicou uma matéria intitulada “Deu a louca na Petrobras?”⁵, onde escreve: “A decisão da Petrobrás é antiética e burra. Simples assim.”; em contraposição, criou-se um blog anônimo imitando o próprio blog da Petrobrás⁶ como forma de paródia e protesto, anexando ao cabeçalho da página os dizeres “Diferente do original, aqui não tem censura”. De um lado, os tradicionais jornalistas, apoiados pela ABRAJI⁷ (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) e pela ANJ⁸ (Associação Nacional dos Jornais); do outro, uma enorme quantidade de *midialivristas*, em grande parte blogueiros, munidos da inextricável liberdade de expressão figurada nos exaltados discursos intrínsecos aos ambientes cibernéticos, concomitante da idealização das mídias livres.

A discussão ganhou vida própria. Elemento de partida no processo, a Petrobrás foi rebaixada a um papel coadjuvante, secundário, mas garantindo seu nome nos créditos finais da produção. Como ponto de desequilíbrio, sua ação foi fundamental ao desencadeamento contingente dos fatos. Acuada sob o fogo cruzado, a organização estatal cedeu à grande pressão e retirou de seu blog o polêmico *post*, concordando em somente divulgar as questões a partir da zero hora do dia da publicação da matéria, acrescentando ao debate a versão da própria empresa sobre o assunto.

⁵ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/kennedyalencar/ult511u578733.shtml> Endereço acessado em 16 de junho de 2009.

⁶ <http://petrobrasdosedefatos.wordpress.com/>

⁷ http://abraji.org.br/?id=90&id_noticia=912 Endereço acessado em 16 de junho de 2009, contendo pronunciamento da Abraji relativo à questão, condenando a atitude da Petrobrás.

⁸ <http://www.anj.org.br/sala-de-imprensa/noticias/anj-se-manifesta-contratitudes-da-petrobras> Endereço acessado em 16 de junho de 2009.



Todavia, tal manobra não cessou a querela. Talvez os atores envolvidos desejassem um final diferente, ou até mesmo um papel mais importante, com o qual pudessem imprimir sua marca no grande espetáculo. Ou talvez apenas não gostem do suspense remanescente — ora, ainda haviam questões a serem resolvidas! Afinal, quem ganha nessa história? Talvez seja esta a regra essencial do jogo: ninguém ganha.

MORTE DA INFORMAÇÃO

Ardilosamente, esboçando insidiosas ingenuidade e inocência, a ação da Petrobrás desvelou a verdade fugidia por trás de uma carcaça de imagens. Não necessariamente expondo seu segredo fundamental, mas amplificando as dimensões do axioma: havia ali algo muito maior que o próprio ato. A prova encontra-se no fato de a discussão ter atingido proporções gigantescas, ter, como em um clássico conto de terror, ganhado vida própria, transformando-se num monstro destrutivo.

Na exposição pública de dados supostamente confidenciais, na quebra, vista como antiética, da relação mística e sigilosa entre entrevistador e entrevistado, na crítica da imprensa, no revide do público... afinal, onde se encontra a informação? Será tudo informação? Ou, pelo contrário, será que fundamentalmente não há informação alguma nessa história? Baudrillard, em sua obra *Simulacra and Simulation*, postulou: “Vivemos em um mundo onde há mais e mais informação, e menos e menos sentido”⁹ (1995).

Explorando a essência do problema, ele levanta três possíveis hipóteses: como fator negentrópico, a informação produz sentido, porém ele é devorado (dentro de outros domínios) mais rapidamente do que pode ser re-injetado; a informação nada tem a ver com a significação e atua como um modelo operacional de outra ordem, revelando uma esfera de informação meramente funcional, um meio técnico que não implica nem significado, nem finalidade e, por consequência, não deve ser implicado em um juízo de valor; por final, no extremo oposto, considera que a informação destrua todo o sentido e toda a significação, ou neutralize-os, relacionando-se à ação dissuasiva e dissolvente da mídia (Baudrillard, 1995). Qualquer seja o caminho, informação e sentido trilham direções opostas: ao passo que o fluxo informacional aumenta desenfreado, o sentido se esvaece, restando... algo resta? Excesso de informação, déficit de sentido.

⁹ Tradução livre do autor para “We live in a world where there is more and more information, and less and less meaning.”



Conseqüentemente, o corpo vê-se fadado à certeza do futuro: sua existência aponta diretamente para o extermínio da alma. Catástrofe total. Desamparada, à informação cabe apenas um papel como imagem: ela torna-se seu próprio simulacro¹⁰, não apenas dissimulando a ausência do real por trás do invólucro imagético, mas simulando a re-injeção do próprio sentido. Somos todos inevitavelmente iludidos, pois enquanto “acreditamos que a informação produz sentido, ocorre o oposto. Ela devora seu próprio conteúdo. Devora tanto a comunicação quanto o social”¹¹ (Baudrillard, 1995). Para tal, aponta dois motivos:

- 1) “em vez de produzir sentido, [a informação] exaure-se ao encená-lo.”¹² O simulacro sustenta-se através do espetáculo, da dramaturgia, na pérfida atração da participação ativa do público — encenação do desejo da audiência que consiste na integração do negativo¹³ da instituição. Assim, a comunicação torna-se hiper-real, operando em um circuito fechado junto com o social, jogando com o fascínio das massas: ao mesmo tempo em que se acredita e se tem fé na informação, desconfia-se. Uma crença enigmática.
- 2) ”Por trás dessa exacerbada *mise-en-scène* da comunicação, a mídia de massa, a pressão da comunicação, persegue a irresistível desestruturação do social.”¹⁴ Objetiva-se, através da total entropia, a implosão do social dentro das massas. (Baudrillard, 1995)

Mergulhada em acerbada nostalgia, a informação converte-se em um espetáculo magistral — minuciosamente planejado, perfeito em cada detalhe, de forma a adquirir um fim em si mesmo. Ora, tamanha é a ousadia, portanto, em se delatar um vazio penetrante! Há o espetáculo fundamental! Grandioso, incitador de paixões, envolvente e mágico. Põe-se em jogo a própria vida, o próprio espetáculo.

É gritante aos olhos que há algo ali, algo sedutor. Mas, será a vida, a encenação, a teatralidade, uma mensagem profunda... o que há? Potencialidade. Pura operacionalidade. Reversão da possibilidade no ato já consumado, uma troca íntima do vir a ser com o próprio ser. Simplesmente pelo que representa, por seu dever, a informação passa a ser algo, antecipadamente esgotada em todas suas possibilidades, o que “significa que todos conteúdos do sentido são absorvidos na única forma dominante

¹⁰ São estas as possíveis fases da imagem: reflete de uma realidade profunda; mascara e desnatura uma realidade profunda; mascara a ausência de uma realidade profunda; não se relaciona mais com qualquer realidade; torna-se seu próprio simulacro (Baudrillard, 1995).

¹¹ Tradução livre do autor para “we think that information produces meaning, the opposite occurs. Information devours its own content. It devours communication and the social.”

¹² Tradução livre do autor para “rather than producing meaning, it exhausts itself in the staging of meaning.”

¹³ Para efetivar-se como espetáculo, este precisa ser reconhecido diante de uma platéia. Através do confronto com seu negativo, o espetáculo efetiva-se. Aqui, entretanto, o próprio negativo é atraído para dentro da peça, não restando nada para reconhecê-la como tal.

¹⁴ Tradução livre do autor para “Behind this exacerbated *mise-en-scène* of communication, the mass media, the pressure of information pursues an irresistible deconstruction of the social.



do meio. Somente o meio pode constituir um evento.”¹⁵ Remonta-se à McLuhan: “o meio é a mensagem” (*apud* Baudrillard, 1995). Dessa forma, embora dependa intimamente da informação para ser reconhecido, o espetáculo já não necessita mais dela: como imenso simulacro, ele torna-se auto-suficiente. Mais do que dissimular essa nostalgia, ele simula a própria informação, pois “sem uma mensagem, o meio também cai no estado indefinido característico de todos nossos grandes sistemas de juízo e de valor. Um modelo único, cuja eficácia é imediata, gera simultaneamente a mensagem, o meio e o ‘real’. Finalmente, o meio é a mensagem não significa somente o fim da mensagem, mas também o do meio.”¹⁶ (1995).

É precisamente essa volatilização conjunta, essa circularidade entre os polos que ocasiona a implosão de ambos. Nota-se o mesmo no caso Petrobrás, a informação dissolve-se em qualquer seja o meio, o qual, por conseguinte, também se dissolve dentro do real, engendrando o espetáculo. Uma inversão da sentença permite uma visão mais clara da situação: se o meio é a mensagem, a mensagem também é o meio. Simulando a informação, o suporte evoca a credibilidade imanente da mensagem. Seja o palco da disputa os blogs, o *Twitter* ou as páginas cibernéticas das mídias tradicionais, é exatamente isto o que está em jogo: o próprio espetáculo.

Ao se valer da mídia, a disputa amplifica suas proporções e esgota-se em todas suas possibilidades. A simples participação desses canais de comunicação evoca a presença da informação, a fantasmagoria do sentido. Sedutor, o espetáculo envolve o espectador e o convida traiçoeiramente a participar, mesmo sem informá-lo das regras. Dessa forma, o conflito nada significa senão o conflito em si. Não há informação em jogo — e, mesmo em caso contrário, não se sabe mais o que é a informação, nem o que é o meio, apagam-se as relações de mediação. O embate nada mais é do que a disputa pela nostalgia do poder relativo à mídia. Uma vez que esta retira toda a sua credibilidade e todo o seu poder da informação, ao mesmo tempo em que não há informação real, também não há poder real, somente simulações. Logo, enquanto se alega a preocupação com o monopólio da informação, sequer há alguma a ser monopolizada.

¹⁵ Tradução livre do autor para “that means that all contents of meaning are absorbed in the only dominant form of the medium. Only the medium can make an event.”

¹⁶ Tradução livre do autor para “Without a message, the medium also falls into the indefinite state characteristic of all our great systems of judgement and valor. A single model, whose efficacy is immediate, simultaneously generates the message, the medium, and the ‘real’. Finally, the medium is the message not only signifies the end of the message, but also the end of the medium”.



Sem ao menos saber pelo que se joga, o término da querela tende à exaustão das forças dos jogadores, como numa disputa descompromissada entre amigos, onde, grosso modo, todos se envolvem pelos laços tecidos e pelo prazer do jogar. Não há vencedores.

REGRAS DO JOGO

No entanto, esse jogo não é despropositado: ele “gera singularidades, opondo-se à influência corruptora dos sistemas de troca”¹⁷ (Galloway, 2007). Jogar supõe um espaço aberto de resistência, onde cada um desempenha um papel fundamental. Assim, Baudrillard situa o espaço lúdico como imoral, além do bem ou do mal:

Pode haver um círculo moral, da troca de valores, e um círculo imoral, relativo ao jogo, onde somente o que conta é o evento do jogo em si e o advento de uma regra compartilhada. Compartilhar uma regra é algo inteiramente diferente do que se referir a uma regra geral equivalente. Deve-se estar completamente envolvido para poder jogar. Cria-se um tipo de relação entre os jogadores que é mais dramática do que a troca de valores pode vir a ser. Em tal relação, indivíduos não são apenas seres abstratos que podem ser trocados uns pelos outros. Cada um tem uma posição de singularidade perante os desafios da vitória ou da derrota, da vida ou da morte (*apud* Galloway, 2007)¹⁸.

Transcende-se essa dimensão maniqueísta; a única dimensão que verdadeiramente interessa ao jogo é a sua própria. Ele torna-se um evento a parte, envolvendo intimamente cada participante dentro de um sistema fechado. “Jogos são o real, vazios de toda realidade, existindo em estado permanente de antecipação. O reino do *não-jogo* torna-se pura morte, sempre cedo demais para contar e nunca tão tardio para ter acontecido” (Galloway, 2007)¹⁹. Nessa visão, os jogos escapam ao simulacro — são sua dimensão real, porém vazia e catastrófica²⁰. São exatamente o que restam. A todos nós. Entretanto, se estamos todos intimamente envolvidos, a quem cabe o papel de identificar o jogo como tal? Absorve-se o negativo, quase expurgando-o — a morte é

¹⁷ Tradução livre do autor para “Play generates singularities. Play bucks the corrupting influence of systems of exchange.”

¹⁸ Tradução livre do autor para “There might be a moral circle, that of commodity exchange, and an immoral circle, that of play, where the only thing that counts is the gamic event itself and the advent of a shared rule. To share a rule is something entirely different than referring oneself to a common general equivalent. One must be completely involved in order to play. It creates a type of relation between the players that is more dramatic than commodity exchange could achieve. In such a relation, individuals are not abstract beings who can be swapped one for another. Each has a position of singularity opposite the stakes of victory or defeat, of life or death”.

¹⁹ Tradução livre do autor para “Games are the real, emptied of all reality, existing in a permanent state of anticipation. The nongamic realm becomes pure death, always too early to count and never late enough to have taken place.”

²⁰ Em seu ensaio “The Gulf War did not take place”, grosso modo, Baudrillard afirma o caráter espetacular da guerra, contudo não nega o acontecimento do confronto militar. Ele, de fato, ocorreu, embora detalhadamente antecipado.



inaceitável, ela não é reconhecida pelo jogo; pondo como desafio fundamental a vida, o próprio jogo.

Eis o grande problema em se desconhecer as regras: não se sabe o que se disputa, nem se reconhece a própria disputa. “A denúncia do escândalo é sempre uma homenagem à lei”²¹ (Baudrillard, 1995). Consequentemente, serve apenas como uma forma de asserção do jogo, reiterando as regras as quais configuram esse universo, mesmo de forma despropositada, quase inocente. Esse papel é exercido aqui, no caso Petrobrás, por todos os participantes, dos jornalistas tradicionais aos blogueiros defensores das mídias livres. Os primeiros em relação à quebra da ética, de um suposto código de conduta, por parte da Petrobrás; os segundos em relação à própria mídia tradicional. Dissimula-se a falta de sentido a que se destina a informação, assumindo-se que a mídia tradicional opera dentro de um código de ética e, mais grave, que ainda há sentido por trás de toda a informação. Sutilmente reforça-se o jogo — é isso que todos disputam.

De forma análoga à Baudrillard, quando pronuncia que Watergate não é um escândalo (1995), pode-se assumir o mesmo no caso Petrobrás. Não se trata o jogo como tal, mas sim como vida: esse é o desafio essencial que nos acomete. Sua estratégia fundamental resume-se à dissimulação de suas regras, de sua estrutura. Somente não o reconhecendo como tal, dispomo-nos a jogar dentro de seu código moral. Contudo, não devemos preocupar-nos: no momento em que o jogo é o real, somos todos jogadores. O grande desafio torna-se a própria vida, sendo a morte a única passagem autêntica ao reino do *não-jogo* — um desafio com o qual jamais poderemos arcar.

“Consequentemente, Watergate foi uma isca atirada pelo sistema para pegar seus adversários — uma simulação de escândalo com propósitos regenerativos”²² (1995). Perde-se num mergulho em espiral dentro da própria utopia humana, reiterando a regra a qual todos os jogadores compartilham. Logo, o código moral não é originário do próprio jogo, mas confeccionado arbitrariamente pelos jogadores, subjacente à perspectiva vital, sustentando tal hipótese. Aqui atribui-se à informação a negentropia. Assume-se, por praxe, que ela seja construtora de sentido, postulando-a como importante fator de desalienação. Acima de tudo, é isso o que se procura defender. Mesmo que cada grupo de jogadores compartilhe regras diferentes — seja através da

²¹ Tradução livre do autor para “The denunciation of the scandal is always an homage to the law.”

²² Tradução livre do autor para “Watergate was thus a lure held out by the system to catch its adversaries — a simulation of scandal for regenerative ends”.



denúncia da quebra da ética e da violência contra a informação por parte dos jornais, seja através da denúncia da monopolização da informação por parte dos blogueiros — ambos valorizam essencialmente a forma como essa informação é produzida e como lhe é injetado o sentido. Dessa forma, a conclusão de qualquer raciocínio será errônea, uma vez que o erro se situa em uma de suas premissas.

Pontualmente, essa tentativa espetacular de resgate, essa tentativa de re-injeção do sentido perante seu remanescente nostálgico, nada mais é do que a remição de uma mensagem exânime. Somente se violenta a informação. Já não há o que salvar.

NECROFILIA INFORMACIONAL

Deixa-se tomar pela euforia da expectativa. Por todas suas possibilidades, a informação é capaz de tirar o fôlego! Mesmo que dela só reste o cadáver, ele, por si só, basta. É exatamente o que presenciamos, não apenas uma tentativa de reanimar o corpo morto da informação, mas sua substituição por seu cadáver. Num jogo de equivalência, a simples presença do corpo sem vida é capaz de assumir total funcionalidade, simulando a própria informação, evocando todas suas possibilidades quando, precisamente, seu substrato recolheu-se por trás de suas aparências. “Enquanto a ilusão não for reconhecida como um erro, seu valor é exatamente equivalente ao da realidade. Mas, uma vez que a ilusão é reconhecida como tal, deixa de ser ilusão. É, conseqüentemente, o próprio conceito da ilusão, sozinho, que é a ilusão.”²³ (Baudrillard, 1993).

Essa *mise-en-scène* da informação sintetiza sua necrofilia, uma obsessão desesperada por seu resgate, por sua re-injeção significativa dentro do social. Ela passa a ser agredida, violentada por uma lógica à qual não mais corresponde. Na falta de todo o sentido, a carcaça da informação é arremessada ao jogo para saciar os espíritos famintos. Ferozmente é devorada, dilacerada, porém falha com seu propósito primordial: deseja-se mais informação. Assim, seus destroços passam a ser meramente despejados. Esse é o tão sonhado elemento de desalienação, combustível das massas.

“Todos vivemos sob um apaixonado idealismo de sentido e comunicação, sob um idealismo de comunicação através de sentido, e, dessa perspectiva, é

²³ Tradução livre do autor para “So long as illusion is not recognized as an error, its value is exactly that of the reality. But once the illusion is recognized as such, it no longer is one. It is therefore the concept of illusion itself, and this alone, that is the illusion”.



verdadeiramente a catástrofe do sentido que se encontra à nossa espera”²⁴ (1995). Procura-se tão alucinadamente o sentido que não se tem tempo nem de olhar para a face pálida da informação. Não reconhecemos mais nossos mortos — talvez nem queiramos. Sonhamos dentro de nosso próprio código moral. Sim, nós podemos! De forma semelhante à metamorfose do cadáver na fantasmagoria da informação, a faceta fusca de nossa concupiscência lança-nos à sombra da possibilidade.

Há causas que previnem seus próprios efeitos, não através da repressão ou do bloqueio das forças vitais, mas pela participação e pela integração, dissipando a unidade do desejo em intermináveis negociações da esfera privada. Um modelo de repressão através da expressão, retardamento dos desejos inatos através da facilitação desses próprios desejos dentro de novos espaços de controle (Galloway, 2007). Essa é a ideia de princípio separativo expressa por Baudrillard, “a repressão do desejo... através da emancipação das necessidades”²⁵ (*apud* Galloway, 2007). Segregam-se as ordens simbólica e material, permitindo que ambas coexistam em espaço único, princípio ilustrado através de estruturas de ambas liberação e dissuasão, de expressão e de silêncio. Dessa forma, torna-se possível a existência “de uma empresa de óleo que, todavia, é ‘verde’, de um mundo banhado em sangue, mas devoto à paz”²⁶ (Galloway, 2007). Nas palavras de Galloway, “as massas não são reprimidas, não, nunca, a elas é permitido sonhar!”²⁷ (2007) Oh, sim! Pode-se sonhar, pois não custa mais nada. Em tese, essa prática torna-se até mesmo admirável: ora, um dos polos é preservado! Podemos sonhar, pois os sonhos, mais do que desatados a qualquer realidade, tornam-se sua própria. Tudo estará bem enquanto mantivermos nossas faculdades oníricas. A realidade é tempestuosa demais para ser vivida, ou sequer habitada. Vivamos os sonhos!

Somos espectros à margem de um buraco negro. O cosmos movediço é devorado pela escuridão, obliterando-se diante de nosso olhar. Permanecemos deslumbrados, sem jamais fitar o interior do buraco — nem ao menos sabemos de sua existência —, pela rapidez vertiginosa com a qual o universo se lança em nossa direção. Acreditamos navegar pelos céus enquanto permanecemos estáticos, simplesmente observando o espaço e o tempo serem dragados. Porém, é exatamente essa nossa única possibilidade:

²⁴ Tradução livre do autor para “We all live by a passionate idealism of meaning and of communication, by an idealism of communication through meaning, and, from this perspective, it is truly the catastrophe of meaning that lies in wait for us.”

²⁵ Tradução livre do autor para “the repression of desire... through the emancipation of needs”.

²⁶ Tradução livre do autor para “an oil company that is nevertheless “green,” a world bathed in blood but devoted to peace”.

²⁷ Tradução livre do autor para “the masses are not repressed, no never, they are allowed to dream!”



observar. Olhar como quem toca, tocar como quem sonha. Resta-nos sonhar com o tocar, e isso nos basta. Utopia. Não como quem a busca, mas como quem a vive, mesmo dentro de certa angústia.

Desde que sonhemos com a informação, manter-nos-emos informados. Essa é a lição fundamental que se pode aprender no caso Petrobrás. Durante o tempo em que pudermos olhar para a informação, estaremos tocando-a; a distinção entre os polos material e simbólico torna isso possível. Os sonhos tornam-se completos em si. Por completos, digo, já não se necessita da realidade. Ora, eles são tão melhores que prescindem o substrato real, são melhores que o próprio real.

A disputa suscitada pela ação de Petrobrás corrobora o sonho, conserva inflamado o desejo da informação. Entretanto, a velocidade com que ela se remete a nós decorre não de seu fluxo próprio, mas lhe é atribuída pelo campo gravitacional engendrado pelo buraco negro. À medida que acreditamos ir em direção à informação, ela simplesmente nos atravessa e volatiliza-se no meio, sem sequer nos dar a oportunidade de tocá-la. Porém, pode-se olhar para seu cadáver sorridente e sonhar com ela. A verdade, de fato, é que há tempos a informação parece ter perdido o sentido e implodido, somente tendo um fim em si mesma. E, por vezes, ao procurarmos socorro, defrontamo-nos com a própria ironia.

Informação: (Do lat. *informatione*.) 1. S. m. Ato ou efeito de informar(-se); informe.

Informar: (Do lat. *informare*.) 1. V. t. d. 1. Dar informe ou parecer sobre.

Informe: (Dev. de informar) S. m. 1. Informação.

(Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1986)²⁸.

Sobrevém-nos nessa disputa mediática... a própria disputa. Só. Um jogo de aparências. O que mais haveria? Simplesmente por se utilizar da informação, cria-se um fato. Faz-se (de conta) acontecer. A informação adentra o espetáculo não como protagonista, mas como diretora — mais do que a própria informação, como real, imediato e onipresente. Abusa-se dela, passa a ser agressiva ao sentido. Seu remanescente nostálgico, agora, precisa estar em todo o lugar, atuando como a própria informação.

De fato, a discussão aqui não existe, ela é imanente a essa informação. E, exclusivamente assim, subsiste. Afixa-se o sonho; vivemos a utopia da informação equalizada ao sentido, porque agora tudo faz sentido. Demasiadamente significativo. É

²⁸ Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2ª edição, revista e aumentada. Rio de Janeiro, RJ. Editora Nova Fronteira, 1986.



aí onde se perde o enfrentamento, ele significa em demasiado, esgota-se em seu eterno vir a ser. Frente ao princípio da separação, temos uma informação que não mais informa, aliena. Nesse confronto espetacular não há autenticamente sentido algum, nem informação alguma, pois tais elementos não se relacionam mais a realidade nenhuma, estão além dela: engendram seu próprio real.

Simplemente pela presença da mídia, gera-se um acontecimento. O meio engenha cautelosamente o espetáculo. O meio é a mensagem. Desenfreadamente mais acusações vão surgindo, basta pensar em alguma e lançá-la à conjuração. Monopolização da informação, quebra de códigos de ética, violentação da informação, manipulação das massas e o que mais advir.

Não há nada a ser visto no caso Petrobrás — de fato, alguém pode dizer, ele nem um caso chega a ser. É antecedido pelos restos de uma informação e somente serve para firmá-los dentro da originalidade. Contudo, para mantê-los assim, jamais poderemos tocá-los. Mas, tudo bem, esse parece-nos um preço justo. A informação não está em jogo. Ela é o jogo.

CONCLUSÃO

Tamanha a ironia do ocorrido... que ela própria se torna inevitável. Este é o processo decorrido: a explicitação da ironia intrínseca à informação. Já não podemos escapar-lhe, uma vez que nos acomete com fúria e ímpeto. Resta-nos, por hora, rir e deleitar-nos com o espetáculo.

O caso da Petrobrás nada funda, nem um sonho, nem uma nova era, nada. Pelo contrário, ele é fundado, resulta do desdobramento de eventos inaugurados não somente pela morte da informação, mas pela reanimação de seu corpo desfalecido dentro das novas mídias digitais. Voz aos jornalistas, voz ao público, voz até a quem não deseja voz, todos falam, porque todos tem a oportunidade. Mas, fala-se o quê? Fundamentalmente, nada. Se anteriormente importara o sentido, agora ele de nada vale; importa falar, pois o ato, por si só, engendra o sentido... ou algo parecido ao menos. Informar, no âmbito lúdico, assemelha-se a um falar contínuo, despercebido de sentido, cuja monta relaciona-se à nostalgia da própria informação — e à utopia de sua redenção.

Independentemente do rótulo assumido, no singelo posicionamento dentro desse tabuleiro espetacular, tornamo-nos soldados da mesma causa, não importando por que



lutemos. Reafirmamos o jogo, reafirmamo-nos no jogo: jogar é viver, não jogar... não há essa possibilidade. Aqui não há vilões, não há mocinhos. O único papel que cabe à Petrobrás é o de catalisador, ela sutilmente fortalece o campo gravitacional e acelera a implosão da informação dentro do buraco negro. Reversibilidade da informação sobre o meio e do meio sobre a informação, entropia total, perdem-se ambos. Dessa forma, engajados em uma batalha fremente, tanto os jornalistas dos veículos de comunicação tradicionais quanto os vinculados às mídias digitais embatem pelo mesmo ideal, cegos pela possibilidade: o sonho da informação. Contudo, uma vez inaugurada essa possibilidade, ela encena sua consumação desenfreada, interminável. Vitória momentânea das mídias digitais? A simples possibilidade da proliferação da fala e da multiplicidade de vozes surte na aceleração do movimento inerte da informação. Agora que lhe cabe esse sonho, não há o que contestar.

Todavia, hoje podemos, mais do que sonhar, viver o sonho desengajados da dimensão material. Transcendemos o real, vamos mais além. Mas, sentimos a falta de algo. Justamente, é esse algo que se busca na disputa envolvendo a Petrobrás, um possível fragmento à deriva esperando pacientemente para ser recolocado em jogo. Impossível, ele está aquém de nosso alcance. Com nossas escolhas, deixamos para trás a informação. Agora, exaurimo-nos em nossa própria involução; não se busca algo novo, mas sim o resgate incólume de um passado idealizado. Exatamente a esse preço, re inserimos a informação em nossas vidas — recria-se um fragmento do passado em pleno presente, simplesmente como se a informação tivesse superado a odisséia do tempo sem nada sofrer, e afirma-se essa alegoria como original.

Não se trata de uma cópia pontual da informação, mas do implante de um excerto enervado cuja funcionalidade passa a ser substituir o corpo completo, como se dispusesse dos genes necessários à sua recriação. Em vão. Um tiro no escuro que, talvez por má sorte, erra o alvo e atinge a todos nós. Acreditamos na funcionalidade do excerto. Dos excertos. Fragmentos difusos que com um organismo original somente mantém uma relação de semelhança imagética. Tal é a consistência da disputa aqui analisada, reanimação de fragmentos dentro de uma enorme peça teatral.

Não há nada mais a ser dito, não dentro desse jogo. Sua funcionalidade é simplesmente roborar a informação, comprovar o informar como fator de desalienação, dissimulando a abnegação do sentido por trás da imagem — uma informação que não mais informa. Exaurida em sua potencialidade, que função, por fim, caberia a essa informação que, na contínua iminência do vir a ser, nunca é? Cabe-lhe alguma? Logo,



passemos ao seu lado. Somos alienados? Inevitavelmente. Focados, concentrados, educados. Respondendo ao desafio fundamental que nos é injungido, interpelemo-nos com o mesmo desafio. Reversão da lógica — deixemo-nos alienar! Resta, talvez, abarcar o sectarismo, a desindividuação, preterindo essa objetividade racional desesperadora.

Não pretendo, de modo algum, profetizar o fatal. Mas, por hora, é o que temos. Alegremo-nos em poder sonhar, em poder lutar. Tristes aqueles que tem uma visão desencantada desse fenomenal espetáculo. Saudade da informação.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacra and Simulation**. Michigan, EUA. University of Michigan Press, 1995.

BAUDRILLARD, Jean. **Paroxysm: The Perfect Crime**. Association Française d'Action Artistique, 1993.

Disponível em: <http://www.egs.edu/faculty/ baudrillard/ baudrillard-the-perfect-crime.html>

GALLOWAY, Alexander. **Radical Illusion (A Game Against)**. New York, EUA. Sage Publications, 2007.

Disponível em: <http://gac.sagepub.com/cgi/content/abstract/2/4/376>